

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MÁTHERESIS



In Memoriam
Prof. Doutor Manuel de Oliveira Pulquério

V I S E U · 2 0 1 1

RETÓRICA DE CORTE NO PRIMEIRO HUMANISMO EM PORTUGAL

NAIR NAZARÉ CASTRO SOARES

Palavras-chave: Primeiro Humanismo Português, retórica e educação integral, oratória civil e afirmação do poder régio, armas e letras, universalidade épica da nação lusa.

Keywords: First Portuguese Humanism, rhetoric and integral education, civil art of oratory and royal power, arms and letters, epic universalism of the Portuguese nation.

O homem do Renascimento apreendeu o sentido essencial da retórica, assumida como valor de relação humana e meio de expressão da consciência humanística. E foi numa afirmação de complementaridade do ideal enciclopédico e do ideal retórico, de inspiração clássica, que se impôs uma concepção aristocrática de cultura, a que as cortes europeias da época davam resposta (Vassoli 163ss; Nair, *Príncipe* 246-290).

Eugenio Garin, o conceituado estudioso do Humanismo Renascentista, interrogado pela revista *Panorama*, afirmava: “Se dovessi dire nel modo piu semplice qual è il vero elemento centrale della cultura rinascimentale, direi che è la scoperta del valore della diversità” (129).

Esta asserção, tão feliz, deve ser encarada de diferentes modos. Difícil é, na verdade, descobrir na produção literária deste tempo uma doutrina filosófica comum: o movimento humanista não é na sua substância filosófico, embora tenha fortes implicações e consequências filosóficas, como acentua P. O. Kristeller (*Classics* 22). Pode afirmar-se, contudo, que, apesar do assumir da diferença, da diversidade, a nível individual e colectivo — de que nos dão testemunho, em Itália, a Academia platónica de Florença e a Escola aristotélica, na linha do Averroísmo, de Pádua —, se torna princípio unificador deste movimento cultural a crença no valor do homem e nas humanidades, no ressurgir do mundo antigo, de que a retórica se tornou um instrumento privilegiado.

É que, apesar do já designado “individualismo” renascentista, um traço comum de inspiração ciceroniana preside ao ideal humano do *Quattrocento*: a síntese da filosofia e da retórica, a combinação da

eloquência e da sabedoria¹. Neste ideal se irmanam humanistas europeus, da Inglaterra à Alemanha, aos Países Baixos, à França e à Hispânia, um John Colet, um Rodolfo Agrícola e um Erasmo, um Lefèvre d'Étaples, um Budé, um Luís Vives e um Aires Barbosa, para falar apenas de nomes representativos do primeiro Humanismo.

Se cada geração tem a sua própria mensagem que pode resumir-se a aprender do passado, sem deixar de ser original, nenhuma melhor do que esta idade foi capaz de traduzir a aprendizagem do passado, os seus ideais estéticos e o seu pensamento, pondo-os em confronto com os novos conhecimentos, com a experiência que aclarou ou anulou certas concepções e ideias feitas, veiculadas pelos autores antigos.

A influência do *Quattrocento* italiano, com a sua forte componente retórica, posta ao serviço do humanismo cívico e pedagógico, manifestou-se em Portugal desde a dinastia de Avis.

Vários foram os factores que a propiciaram. Entre eles, as relações com a corte de D. João II de Castela, em ligação, por afinidade familiar, com o reino de Nápoles de Afonso V, o Magnânimo – paradigma do “príncipe umanizzato” do Renascimento. Ou ainda a presença da cultura italiana, na corte de Borgonha da Duquesa Isabel, filha do nosso rei D. João I — casada com Filipe o Bom, duque da Borgonha e conde da Flandres. Esta corte, a mais brilhante e faustosa da Europa, mantinha ao seu serviço portugueses cultos² e acolhia uma verdadeira escola de artistas de iluminuras, de que é testemunho o *Livro de Horas do rei D. Duarte*; e contava ainda com uma das bibliotecas mais famosas do tempo. Mas é

¹ Vide Alain Michel (1969), *La philosophie politique à Rome d'Auguste à Marc-Aurèle*. Paris. Idem (1960), *Les rapports de la rhétorique et la philosophie dans l'oeuvre de Cicéron: recherches sur les fondements philosophiques de l'art de persuader*. Paris.

² Vide D. Gallet-Guerne (1974), *Vasque de Lucène et la Cyropédie à la cour de Bourgogne (1470). Le traité de Xénophon mis en français d'après la version latine du Pogge*. Étude, édition des livres I e V. Genève: 15 e sqq.; G. Looten (1938), “Isabelle de Portugal, duchesse de Bourgogne et comtesse de Frandre”, *Revue de littérature comparée* 49: 5-22; Ch. C. Willard (1967), “Isabel of Portugal patroness of Humanism?”, *Miscellanea di studi e ricerche sul Quattrocento francese*, a cura di Franco Simone, Torino: 517-544.

Entre as figuras do séquito de D. Isabel de Portugal, está Afonso de Lucena, médico da princesa. O filho, Vasco de Lucena, pôde estudar nas universidades de Colónia e Paris e foi chamado a colaborar na educação do príncipe, o futuro Carlos o Temerário. Foi também Vasco de Lucena tradutor para francês de obras de autores clássicos, como os *Faits d'Alexandre* de Quinto Cúrcio (1468) e a *Ciropedia* de Xenofonte, feita a partir da tradução latina de Poggio Bracciolini, com o título *Traité des faictz et haultes provesses de Cyrus* (1470). Vasco de Lucena não pode confundir-se com o humanista Vasco Fernandes de Lucena, que integrou o escol de humanistas da corte dos Príncipes de Avis e desempenhou funções políticas e diplomáticas importantes, no tempo dos reis D. Afonso V e D. João II.